

Platão – Estética - Filosofia





O Platonismo Estético de Gottlob Frege

Fausto dos Santos*

171

Artefilosofia, Ouro Preto, n.9, p. 171-179 out.2010

É claro que quem quiser ver em Platão o protótipo do homem místico-religioso, prenunciador de uma nova crença, ou até mesmo uma espécie de profeta protocristão, certamente que assim o verá. Afinal de contas, “quem crê sabe que o Espírito sopra onde quer. E por que não poderia ter soprado sobre Platão, grego e pagão?”¹ Inclusive, se os próprios textos de Platão forem um tanto quanto refratários a tal possibilidade única, não há problema, não esqueçamos que tal tradição sempre pode recorrer às chamadas doutrinas não escritas do Mestre da Academia para reaproximá-lo da Fé². Ao extremo, a proximidade de Platão com o divino pode ser tanta, que o próprio filósofo, divinizado, será digno de ser cultuado³.

Para quem vê Platão assim, com os olhos voltados, antes, única e exclusivamente para a fé, a partir de uma espécie de *filosofia da história do advento*, é quase que natural julgar o fato de Espeusipo ter sucedido o Mestre na direção da Academia, após sua morte em 347 a. C., como um legítimo sinal de decadência. Pois, de fato, para quem acentua quase que exclusivamente os componentes religiosos da filosofia de Platão, que a Academia não tenha se tornado uma espécie de Igreja, repercutindo assim, tão somente, o que seria “o sentido da autêntica componente metafísica platônica na Academia”⁴, é mesmo uma espécie de heresia. Culpa dos seus sucessores⁵, que acabaram rapidamente por dismantelar o que, ao que tudo indica, seria a verdadeira herança platônica⁶.

No entanto, talvez essa não seja a única forma possível de julgar o destino da Academia após a morte do seu Mestre. Pois, diferentemente do que sugere a referida imagem, para outros “a velha Academia de Atenas parece ter sido desde o início antes um local de discussão e troca pública de opiniões do que uma instituição de transmissão autoritária de um corpus esotérico de doutrinas”⁷. Dito por outro autor: “Devemos pensar a Academia de Platão como uma comunidade de filósofos cuja independência intelectual era respeitada, portanto não como um círculo esotérico que venera um mestre e haure seus ensinamentos”⁸. Se assim não fosse, difícil seria conciliar, por exemplo, a *imagem* de um Platão insuflado pelo Espírito, cioso dos seus dogmas, com o *fato* de Eudoxo ter assumido a direção da escola na ausência do Mestre, que viajara pela segunda vez para a Sicília. Pois os ensinamentos de Eudoxo, astrônomo e defensor do hedonismo, certamente não se coadunavam com uma suposta dogmática proselitista, que seria o *leitmotiv* da Academia⁹.

Portanto, se para uns representa um sério problema – pois teria botado em risco as grandes e verdadeiras conquistas do Mestre – o

* faustodossantos@bol.com.br

¹ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 224.

² “Poder-se-ia, portanto, levantar a hipótese de que a preferência atribuída ao Platão ‘esotérico’, conservado pela tradição indireta, obedeça à intenção de impor (ou restaurar) aquela imagem de Platão que supunha mais válida do ponto de vista teórico, ou seja, aquela de um Platão fortemente dualista e metafísico, aliado natural do espiritualismo cristão” (TRABATTONI, Franco. *Oralidade e Escrita em Platão*. São Paulo: Discurso Editorial, 2003, p. 54).

³ “El gran resurgimiento renacentista del platonismo em Italia, iniciado por el filósofo griego Jorge Gemisto (c. 1355 - 1452), incluyó la recuperación del culto a Platón. Gemisto cambió su nombre por el de Pletón, em honor al dios, cuando decidió que no solo era el gran sacerdote, sino una reencarnación de Platón: una forma de pluralismo eclesiástico que podría haber desconcertado a un hombre más cuerdo. Es posible que entre los platonistas de Cambridge del siglo XVII no existiera una verdadera adoración a Platón: nos lo

hubieran dicho sus enemigos calvinistas y anglicanos.

Sin embargo es cierto que mantuvieron viva la ardiente devoción por Platón durante el Renacimiento. Thomas Taylor, que murió em 1835, es el filósofo más moderno, por lo que sé, que creyó en la divinidad de Platón. Pero sería el colmo de la temeridad decir que fue el último, dado el aparente carácter indestructible de este culto” (STOVE, David. *El culto a Platón y otras locuras filosóficas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1993, p. 19).

⁴ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. III. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 86.

⁵ “Mas a culpa foi dos sucessores de Platão, os quais não só não foram capazes de desenvolver o grandioso projeto do Mestre, mas também mostraram-se incapazes de conservá-lo intocado. A antiga Academia tornou-se, de vários modos, em parte infiel a Platão, desenvolvendo apenas alguns traços do platonismo, isolando-se da grandiosa visão global originária, chegando assim, de certo modo, a deformá-los irremediavelmente” (REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. III. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 78).

⁶ “De fato, na primeira Academia, a herança platônica não só não é acrescentada, mas é gravemente comprometida e submetida a um verdadeiro desmantelamento, com gravíssimas consequências” (REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 316).

⁷ METRY, Alain. Speusipo: Filosofia como ciência universal. *Filósofos da Antiguidade – I*. Dos primórdios ao período clássico. Uma introdução. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 189.

⁸ SZAIJ, Jan. Platão: Espectro da

fato de Espeusipo, matemático que negava a existência de Ideias¹⁰, ter assumido a direção da Academia após a morte de Platão, para outros, tal sucessão não parece ser tão problemática assim; muito menos representar uma ruptura extrema com o pensamento de Platão. Afinal, sabemos que, ainda vivo o Mestre, “havia grande espaço para estudos matemáticos”¹¹ em sua escola. Aliás, diga-se aqui de passagem que, assim como reza a tradição, a advertência inscrita no frontispício da Academia dizia: *quem não é geômetra não entre*. Donde podemos depreender não exatamente a existência de tal frase inscrita realmente no frontispício da escola, mas, pelo menos, a estreita vinculação entre *platonismo* e *matemática*, sedimentada em tal tradição.

Sendo assim, se de fato não podemos negar a vertente místico-religiosa da filosofia de Platão, reconhecendo, antes, o quanto ela foi produtiva para a efetivação, por exemplo, do pensamento cristão, também não podemos negar a produtividade de sua vertente matemática para, por exemplo, a constituição da lógica e, portanto, da ciência. Até mesmo porque é claro que a imagem de um Platão empenhado na descoberta de uma linguagem apropriadamente filosófica, possibilitadora da *tékhnē* e da *epistēmē*, que certamente passa pelas possibilidades da matemática, parece não ser em nada mais, ou menos, infiel àquela de um Platão preocupado com a fundação de uma religião.

Contudo, não esqueçamos, as duas vertentes citadas são oriundas da mesma fonte, Platão. Porém, não nos interessa aqui a busca da delimitação de um suposto pensamento verdadeiro do Mestre da Academia, que acaba por limitá-lo. Mas antes, interessa-nos a produtividade do que se pode pensar tendo em vista aquilo que se abriu para o pensamento a partir de Platão. Pois, o que estamos querendo chamar de *platonismo* não é a pura reprodução de algo como um suposto pensamento puro de Platão. Porquanto levamos a sério o fato do autor sempre deixar sua obra, seja ela escrita, quanto mais oral. Assim, para nós, deve valer aqui, de uma maneira geral, aquilo que Dummett diz valer especificamente para o platonismo matemático: há várias maneiras possíveis de ser um platônico, pois, “a princípio seria possível ser platônico sob um aspecto, mas não em outro”¹². Por exemplo, quando se afirma que Santo Agostinho é platônico, não se está afirmando, com isso, que o Bispo de Hipona é um convicto reencarnacionista. É evidente que por outros motivos, que não a adesão à *metempsicose* platônica, que o chamamos assim.

Queremos situar-nos filosoficamente em meio à filosofia. Por isso não podemos nos assustar com o fato de um matemático ter assumido os destinos da Academia. Pois é claro que pensar a matemática é uma das possibilidades mais próprias do platonismo, tanto quanto a religiosidade. O que no momento nos espanta, e, portanto, reclama ser pensado, é a ligação platônica estabelecida entre *matemática*, *linguagem filosófica* (*lógica*) e *linguagem poética* (*arte*), e o fato de tal ligação manter-se vigorosa para um pensador, não de somenos, na virada do século XIX para o XX, Gottlob Frege. Mas, para explicitar nosso espanto, explicitemos, antes, o nosso platonismo; ou seja, a imagem que estamos fazendo do Mestre da Academia.

Em meu *Platão e a Linguagem Poética*¹³, uma das coisas que pode ser vista é justamente isto: a busca por uma linguagem apropriadamente filosófica, capaz de instaurar um mundo a partir das possibilidades da *tékhnē* e da *epistéme*, requer tanto a passagem pela matemática quanto a contraposição com a arte. É em oposição à *polissemia* da linguagem poética que vemos surgir a necessidade da *definição monossêmica*, primeiro passo para a instauração do *lógos*. Linguagem que deve definir o valor exato das palavras que a compõem, antes mesmo de colocá-las em circulação. Assim como os signos matemáticos que, possuindo sempre, cada um, um único e mesmo valor, aquele mesmo que é indicado pela sua representação fonética ou gráfica, permitem a realização do *cálculo aritmético*, estabelecendo valores precisos a partir da precisão dos valores que emprega, da mesma forma as palavras, quando filosóficas, deverão possuir um único e mesmo valor semântico. Isso permitirá, através da concatenação causal do que é dito, uma espécie de *cálculo lógico* – que a tradição chamará de raciocínio – capaz de determinar, na medida certa, os valores propriamente adequados para a constituição do mundo humano. Pois que, assim, tal linguagem tem valor de verdade e um meio para a sua aferição, a observância da não contradição. Valor que, desde então, é negado à *linguagem poética* (*arte*). Inclusive por Frege.

Que Frege seja um platônico, no sentido amplo que usamos o termo aqui, creio que seria algo difícil de negar. No geral, tem-se como certo que Frege, “em suas intuições básicas e suas concretizações técnicas, de fato ecoa o pensamento de Platão”¹⁴. Mormente, ressalta-se, em relação à matemática. No entanto, aqui, não queremos ressaltar o platonismo matemático do filósofo alemão, mas sim, conforme o título deste nosso estudo anuncia, o seu *platonismo estético*. Platonismo estético que, certamente, está vinculado não apenas ao seu platonismo matemático, mas, também, a outros pontos essenciais do pensamento platônico. Um deles claramente expresso pela seguinte frase: “Se no fluxo constante de todas as coisas nada se mantivesse firme e eterno, o conhecimento do mundo deixaria de ser possível e tudo mergulharia em confusão”¹⁵. Daí para a descoberta do mundo não sensível é um pulo, ou melhor, uma caminhada. Caminhada pela *ponte* que interliga os dois mundos, a linguagem¹⁶. É assim, através da linguagem, que “o sensível descortina para nós o mundo do que não é sensível”¹⁷: números e conceitos, ao fim e ao cabo, o próprio pensamento¹⁸. Cujas realidade objetiva, evidentemente, não é constituída por nós, sujeitos¹⁹. Donde, então, a possibilidade de atingir “a verdade, cujo conhecimento constitui o objetivo da ciência”²⁰. Mas, para tanto, a linguagem poética não é apropriada. Antes pelo contrário, ela só atrapalha, pois que, imperfeita, acaba dando origem a “mal entendidos e, ao mesmo tempo, erros no próprio pensamento”²¹. Portanto, se o que se busca é o conhecimento científico, a linguagem poética, intrinsecamente *polissemica*, não pode satisfazer a “primeira exigência que lhe pode ser imposta sob este aspecto, a da univocidade”²². Daí a necessidade de uma linguagem apropriadamente adequada para tanto, a linguagem propriamente filosófica (lógica), que, antes de tudo,

Filosofia. *Filósofos da Antiguidade* – I. Dos primórdios ao período clássico. Uma introdução. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 174.

⁹ “Testemunha a alta medida de tolerância intelectual na Academia o fato de que, durante a ausência de Platão na segunda viagem siciliana, o famoso astrônomo Eudoxo de Cnidos assumiu a direção da Academia, e pôde desenvolver um conceito totalmente oposto quanto ao bem, na ética” (Idem).

¹⁰ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, 1083 a 20 – 25.

¹¹ SZAIFF, Jan, op. cit., p. 174.

¹² DUMMETT, Michael. *Frege Philosophy of Language*. London: Duckworth, 1981, p. 505.

¹³ AMARAL E, Fausto dos Santos. *Platão e a Linguagem Poética: o prenúncio de uma distinção*. Chapecó: Editora Argos, 2008.

¹⁴ MORAVCSIK, Julius. *Platão e o Platonismo. Aparência e realidade na ontologia, na epistemologia e na ética*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 290.

¹⁵ FREGE, Johann Gottlob. Os Fundamentos da Aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 206.

¹⁶ “Como meio de expressão do pensamento, a linguagem tem que se assemelhar ao pensado. Esperamos, assim, poder usá-la como uma ponte entre o sensível e o não-sensível” (FREGE, Gottlob. A generalidade lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 94).

¹⁷ FREGE, Johann Gottlob. Sobre a Justificação de uma Conceitografia. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 196.

¹⁸ “O pensamento não pertence nem ao meu mundo interior, como uma ideia, nem tampouco ao mundo exterior, ao mundo das coisas sensorialmente perceptíveis” (FREGE, Gottlob. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 35).

¹⁹ “À apreensão de pensamentos deve corresponder uma faculdade mental especial: a faculdade de pensar. Ao pensar não produzimos pensamentos, mas os apreendemos. Pois o que chamei de pensamento está na mais estreita relação com a verdade. O que reconheço como verdadeiro, julgo ser verdadeiro independentemente de reconhecê-lo como verdadeiro e independentemente de pensá-lo. O ser verdadeiro de um pensamento nada tem a ver com o fato de ser pensado” (Id. *Ibid.*, p. 34).

será uma linguagem capaz de, assim como a matemática, “expulsar toda a ambiguidade”²³ dos seus procedimentos, para, então, assegurar a ciência.

Tendo em vista o que foi dito, tanto a partir de Platão, quanto a partir de Frege, essencial para o pensamento platônico é a *fundamentação do conhecimento*, da *tékhnē* e da *epistémē*, que, passando pelas possibilidades matemáticas, se estabelece a partir da *linguagem filosófica*. Pelo que, a constituição da ciência inclui a contraposição com a arte, negando-lhe qualquer valor apofântico. Vejamos então o que o filósofo tem a nos dizer sobre tal contraposição:

Na poesia, naturalmente, as palavras têm apenas sentido; na ciência, porém, e sempre que nos preocupa investigar a verdade, não nos contentaremos com o sentido, mas também associaremos aos nomes próprios e aos termos conceituais uma referência; e se eventualmente, por engano, não o fizermos, isto é um erro que pode facilmente fazer malograr a nossa reflexão²⁴.

Pelas palavras do filósofo, cumpre dizer que a poesia não atinge os objetivos da ciência. Não podendo, portanto, levantar pretensão ontológica alguma. Pois, para além do horizonte do sentido, é incapaz de se referir a algo de determinado, “dotado de propriedades que se podem indicar”²⁵, independentemente de ter passado pela mente de homem algum, e assim, passível de assumir um valor de verdade. Pois, para Frege, “o valor de verdade de uma sentença é a sua referência”²⁶. O caso é que “nunca devemos nos ater apenas à referência de uma sentença; porém, o pensamento, isoladamente, não nos dá nenhum conhecimento, mas somente o pensamento junto com sua referência, isto é, seu valor de verdade”²⁷.

Diante dessa perspectiva, qual seria a referência da palavra *móly* no livro X da *Odisseia* de Homero? O exemplo é do próprio Frege²⁸. Ainda que saibamos, através do poeta, que *móly* é uma planta de raiz preta e flores brancas como o leite, que Hermes garante ser capaz de produzir um poderoso *phármakon*, antídoto para as poções de Circe²⁹, quem seria capaz de indicar uma referência para tal planta situada para além das próprias palavras do poeta? E o que dizer de Hermes e Circe? Da mesma maneira, “a sentença ‘Ulisses profundamente adormecido foi desembarcado em Ítaca’ tem, obviamente, um sentido. Mas, assim como é duvidoso que o nome ‘Ulisses’, que aí ocorre, tenha uma referência, é também duvidoso que a sentença inteira tenha uma”³⁰.

Para o filósofo, é evidente que não devemos levar aquilo que é dito artisticamente a sério. Pois que não pode ser dito a sério. Diferentemente de quando as palavras, para além do seu sentido, possuem uma referência; portanto, um valor de verdade. Na sentença que acabou de nos servir de exemplo, onde Ulisses é nomeado, “é certo que se alguém tomasse seriamente a sentença como verdadeira ou falsa, também atribuiria ao nome ‘Ulisses’ uma referência e não somente um sentido”³¹. Mas, no caso da poesia, é claro “que a con-

sideração acerca da referência do nome se torna supérflua”³². Sendo “totalmente irrelevante para nós se o nome ‘Ulisses’, por exemplo, tem referência, contanto que aceitemos o poema como uma obra de arte”³³. Pois “tal é o que acontece quando não se fala a sério”³⁴. Como no caso das artes cênicas, onde, não havendo uma realidade objetivamente referenciada, nada é asserido de fato, ainda que pareça sê-lo. Vejamos o que o filósofo nos diz:

Assim como o trovão no teatro é apenas um trovão aparente, e uma luta no teatro é apenas uma luta aparente, assim também a asserção no teatro é apenas uma asserção aparente. É apenas representação, poesia. O ator ao desempenhar seu papel nada asserir; tampouco mente, mesmo que diga algo de cuja falsidade esteja convencido. Na poesia temos pensamentos que se expressam sem que, apesar da força assertiva da sentença, sejam postos como verdadeiros; e ainda com a solitação para que o ouvinte o julgue favoravelmente³⁵.

Nas artes não há lugar para a manifestação da verdade. Como se vê, se a asserção é a manifestação do reconhecimento da verdade de um pensamento³⁶, no palco, não havendo descrição de fatos, há apenas *imagens*. Pois, se para sinais que só possuem sentido, carecendo totalmente de referência, dermos o nome de imagem, “então as palavras dos atores no palco seriam imagens e, na verdade, até o próprio ator seria imagem”³⁷. Pois, dito de maneira justa, o ator *representa*, e nada mais. *Representação* que, para o nosso autor, subjetivamente constituída, é empregada “sempre em sentido psicológico”³⁸, ou seja, de maneira completamente distinta da objetividade lógica requerida necessariamente para a efetiva *apresentação* da verdade.

No entanto, é evidente que a representação artística, embora subjetivamente constituída, pode ser intersubjetivamente apreendida. Afinal, “se não houvesse alguma afinidade entre as representações humanas, a arte seria certamente impossível”³⁹. E, além do mais, não é o caso que estejamos sempre, o tempo todo, preocupados com a questão da verdade⁴⁰. O que a efetiva existência da arte só faz confirmar. É por isso que, transposta para a arte, a questão da verdade só atrapalha, impondo-lhe o risco da própria dissolução, “pois nos faria abandonar o encanto estético por uma atitude de investigação científica”⁴¹.

Ao que tudo indica, a arte nos encanta justamente porque nela a questão da verdade está como que suspensa. Porém, insinuando-se na tensão do aparente, tanto gera uma ilusão, quanto a sua eficácia depende dessa ilusão – da apreensão de algo que não é, como se fosse. Coisa que até mesmo o poeta parece reconhecer, ao seu modo: “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente”⁴². De fato, seria mesmo absurdo se, morto um personagem em uma novela, alguém exigisse que o ator fosse realmente enterrado, espantando-se ao vê-lo atuando em outra novela. O que, no entanto, de certa forma, seria um belo grau de medida para a eficácia do personagem, o sucesso da representação

²⁰ Id. *Ibid.*, p. 12.

²¹ FREGE, Johann Gottlob. Sobre a Justificação de uma Conceitografia. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 195.

²² *Idem.*

²³ Id. *ibid.*, p. 197.

²⁴ FREGE, Gottlob. Digressões sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 107.

²⁵ FREGE, Johann Gottlob. Os Fundamentos da Aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 203.

²⁶ FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 71.

²⁷ *Idem.*

²⁸ Cf. FREGE, Gottlob. Digressões sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 114.

²⁹ HOMERO. *Odisseia*, X, 280 – 320.

³⁰ FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 68.

³¹ FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 68.

³² Idem.

³³ Id. Ibid., p. 69.

³⁴ FREGE, Gottlob. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 18.

³⁵ Idem.

³⁶ Cf. FREGE, Gottlob. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 17.

³⁷ FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 69.

³⁸ FREGE, Johann Gottlob. Os Fundamentos da Aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 208.

³⁹ FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 66.

⁴⁰ Cf., id. ibid., p. 68

⁴¹ Idem.

⁴² FERNANDO PESSOA. Autopsicografia. In: *Poesias*.

do artista. Assim, podemos pensar que, quanto mais ilusória, mais artística uma obra é. Porquanto, com Frege, fica claro que o sucesso da arte depende da aquiescência a tal ilusão. Razão pela qual ninguém deve procurar referência onde não há. Por isso, para o filósofo, “ao ouvir um poema épico, por exemplo, além da euforia da linguagem, estamos interessados apenas no sentido das sentenças e nas representações e sentimentos que este sentido evoca”⁴³. Para além disso, nada mais; ou melhor, para além do horizonte meramente significativo da linguagem poética, cujas sentenças, não possuindo força assertiva alguma, agem apenas sobre os sentimentos (o estado da alma do ouvinte) ou estimulam a imaginação⁴⁴, está a linguagem lógica, como já sabemos, a única capaz de “discernir as leis do ser verdadeiro”⁴⁵, fundamento do conhecimento científico.

Assim é que, diante dos padrões de referenciabilidade exigidos por tal concepção de conhecimento, com Frege, há uma distinção entre as diversas ciências. Sendo umas mais científicas do que outras. Tanto quanto outras estariam mais próximas da poesia do que umas. As efetivamente científicas, é claro, são as *ciências exatas*. Já as *ciências do espírito* é que estariam mais próximas da poesia⁴⁶. No entanto, buscando não sair da linha do pensamento do nosso filósofo, dizer que existam *ciências* que se aproximam da poesia, no sentido que dissemos, de duas, uma: ou o que foi dito é uma contradição, ou não deve ser tomado a sério. Afinal, sabemos que a lógica da qual nos fala Frege opera apenas e tão somente com dois valores de verdade possíveis: o verdadeiro e o falso. E também sabemos que entre esses dois valores não há gradação ontologicamente possível, “pois o que é apenas parcialmente verdadeiro não é verdadeiro. A verdade não admite um mais ou menos”⁴⁷. Portanto, ao fim e ao cabo, em estrito senso, a verdade epistêmica só pode apresentar-se mesmo através das ciências exatas. Pois que estas se mantêm restritas aos rigores precisos da linguagem lógica instrumental. Afastadas, portanto, tanto quanto possível, da maleabilidade da linguagem poética, oriunda da plasticidade da própria linguagem natural. Mas deixemos que o nosso lógico-matemático se pronuncie a esse respeito:

A linguagem pode comparar-se à mão, que, apesar da sua capacidade de se acomodar às mais diferentes tarefas, não nos basta. Criamo-nos mãos artificiais, instrumentos para fins particulares que operam de maneira mais precisa do que a mão seria capaz. E o que torna possível esta precisão? Justamente a rigidez, a imutabilidade das partes, cuja falta torna a mão tão diversamente hábil⁴⁸.

Ora, mas não é espantoso!? Tanto quanto, em várias passagens dos seus escritos, sabe ser irônico⁴⁹, pelo que se vê, nosso rigoroso filósofo, usando metáforas, também sabe tecer belas imagens. Mas então, o que se passa? Parece até que o filósofo está sempre querendo tomar o lugar do poeta!

É evidente que, para Frege, os componentes de qualquer sentença “aos quais não se aplica a força assertiva não pertencem à exposi-

ção científica”⁵⁰, na medida em que pertencem, antes, ao horizonte da linguagem poética. Porém, o que acontece é que “muitas vezes estes componentes são difíceis de serem evitados, até mesmo por aquele que percebe o perigo a eles vinculado”⁵¹. Mas nosso filósofo vai ainda um pouco mais longe. Pois, “quando se trata de sugerir o que não pode ser apreendido pelo pensamento [lógico], esses componentes têm sua plena justificativa”⁵². Ainda que o dito perigo não deixe de existir, estando sempre à espreita, contudo, é um perigo justificável. Assim, justificando-se, até parece que o filósofo está se desculpando por, inevitavelmente, ainda que de vez em quando, cometer as suas poesias. Afinal de contas, mesmo para a ciência rigorosíssima, é inevitável o uso da linguagem natural, da qual germina a poesia. Pois, como nos diz Clevis Headley, falando de Frege, “aquilo que ele busca eliminar, banir do reino da filosofia, é a mesma coisa da qual ele depende para comunicar suas visões relativas à sua linguagem científica”⁵³. É tendo isso em vista que Paulo Alcoforado nos diz que, se por um lado a linguagem plenamente científica do nosso filósofo, a sua *conceitografia* (*Begriffsschrift*):

[...] visa a substituir a linguagem ordinária face à imperfeição e à insuficiência desta para os usos científicos. Por outro lado, a conceitografia é um suplemento da linguagem corrente na medida em que esta é empregada na construção e descrição daquela⁵⁴.

Com o que, o risco da polissemia poética infiltrar-se na ciência, desestruturando-a, é um risco sempre constante que, tanto quanto possível, deve ser evitado. Talvez daí esta necessidade do filósofo estar sempre delimitando o seu espaço, traçando-o justamente a partir da delimitação do espaço artístico. E é exatamente isto, a *delimitação da linguagem filosófica a partir da delimitação da linguagem poética*, que estamos chamando de *platonismo*. Para a nossa interpretação do filósofo da Academia, algo ainda mais fundamental do que uma suposta metafísica doutrinária escatológica do divino Mestre que, se de fato existe, ainda que de ouvir dizer, só poderia ser descoberta depois de irrompida a referida delimitação distintiva. Pois, para nós, a luta pelo desmembramento territorial e delimitação da *fronteira* entre *mythos* e *lógos*, é algo fundante de todo e qualquer platonismo.

Fronteira que, ao que tudo indica, sendo antes uma zona de conflitos, ao invés de um lugar pacífico, parece não possuir delimitações tão seguras assim. Como talvez, ambos, filósofo e poeta gostassem, para que se evitasse toda e qualquer *confusão*. Deve ser por isso que, se o filósofo quer ver a poesia banida do seu mundo, por sua vez, o poeta brada energicamente: “Não me tragam estéticas!”⁵⁵. Ainda que ambos, no conflito da fronteira, mesmo que sem querer, acabem inevitavelmente pisando um no território que supostamente é do outro. Daí o conflito. Prova máxima disso é justamente Platão, que, mesmo queimando os seus ditirambos, cantos e tragédias, ao decidir-se pela filosofia⁵⁶, não pôde deixar de compô-la poeticamente, na forma de *Diálogos Socráticos*, “literatura de ficção e, muito frequentemente, de fantasia”⁵⁷.

Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 40.

⁴³ FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 68.

⁴⁴ Cf., FREGE, Gottlob. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 18.

⁴⁵ Id. *Ibid.*, p. 11.

⁴⁶ “As chamadas ciências do espírito estão **mais próximas** da poesia e são por isso menos científicas do que as ciências exatas, que são tanto mais áridas quanto mais exatas forem; pois a ciência exata está voltada para a verdade e somente para a verdade” (FREGE, Gottlob. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 18).

⁴⁷ Id. *Ibid.*, p. 13.

⁴⁸ FREGE, Johann Gottlob. Sobre a Justificação de uma Conceitografia. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 197.

⁴⁹ Aqui cito apenas um

exemplo de tal ironia – e de *imagem* (metáfora) também –, na própria obra citada há outros: “Frequentemente é apenas mediante um vasto trabalho do espírito, que pode levar séculos, que se consegue conhecer um conceito em sua pureza, extraí-lo dos invólucros estranhos que o dissimulavam aos olhos do espírito. O que dizer então daqueles que, ao invés de prosseguir este trabalho onde ele não aparece ainda realizado, o menosprezam, se dirigem ao quarto das crianças ou se transportam para as mais antigas fases conhecidas de desenvolvimento da humanidade, a fim de lá descobrir, como J. S. Mill, algo como uma aritmética de pãezinhos e pedrinhas! Falta apenas atribuir ao sabor do pão um significado particular para o conceito de número” (FREGE, Johann Gottlob. *Os Fundamentos da Aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número*. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 206).

Pois bem, tanto quanto Platão é filósofo, Frege não é poeta. Com isso, certamente, já há um elo comum entre os dois. Elo comum que, espero de alguma forma ter conseguido mostrar, é mais amplo e forte do que corriqueiramente se costuma pensar, restringindo-o ao plano matemático. Perpassando, fundamentalmente, aquilo que denominamos de *platonismo estético*. Uma espécie de disputa pelos domínios da linguagem. Linguagem que, na *proposição* do filósofo, protótipo do cientista, tem “para o pensamento o mesmo significado que para a navegação a ideia de utilizar o vento para velejar contra o vento”⁵⁸.

Opa! Mas o que é isso? Mais uma imagem poética? É, ao que tudo indica, ainda que não se queira, não dá mesmo para ser filósofo sem usar expressões poéticas. Mas se isso de fato é um problema, é o que ainda parece estar por ser decidido. Mas quem será que estaria totalmente habilitado para tomar tal *decisão*?

Referências bibliográficas

- ALCOFORADO, Paulo. Introdução. In: FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- AMARAL F, Fausto dos Santos. *Platão e a Linguagem Poética: o prenúncio de uma distinção*. Chapecó: Editora Argos, 2008.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edición Trilingue por Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas, opiniones y sentencias de los Filósofos más Ilustres*. Traducidas directamente del Griego por Jose Ortiz y Sanz. Buenos Aires: El Ateneo Editorial, 1947.
- DUMMETT, Michael. *Frege Philosophy of Language*. London: Duckworth, 1981.
- FERNANDO PESSOA. *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- FREGE, Johann Gottlob. Sobre a Justificação de uma Conceitografia. In: *Coleção Os Pensadores - Vol. XXXVI. Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974.
- _____. Os Fundamentos da Aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número. In: *Coleção Os Pensadores - Vol. XXXVI. Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974.
- _____. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- _____. Digressões sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- _____. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.



_____. A generalidade lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

HEADLEY, Clevis. Platonism and metaphor in the texts of mathematics: Gödel and Frege on Mathematical knowledge. In: *Man an World*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, n.º 30, 1997.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

KAHN, Charles H. Una nueva interpretación de los diálogos socráticos de Platón. *Areté. Revista de Filosofía*. Vol. XII, n. 1, 2000.

METRY, Alain. Speusipo: Filosofia como ciência universal. *Filósofos da Antiguidade – I*. Dos primórdios ao período clássico. Uma introdução. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

MORAVCSIK, Julius. *Platão e o Platonismo*. Aparência e realidade na ontologia, na epistemologia e na ética. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

_____. *História da Filosofia Antiga*. Vol. III. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

STOVE, David. *El culto a Platón y otras locuras filosóficas*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1993.

SZAIFF, Jan. Platão: Espectro da Filosofia. *Filósofos da Antiguidade – I*. Dos primórdios ao período clássico. Uma introdução. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e Escrita em Platão*. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

⁵⁰ FREGE, Gottlob. O Pensamento. Uma Investigação Lógica. In: *Investigações Lógicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 18.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ HEADLEY, Clevis. Platonism and metaphor in the texts of mathematics: Gödel and Frege on Mathematical knowledge. In: *Man an World*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, n.º 30, 1997, p. 465.

⁵⁴ ALCOFORADO, Paulo. Introdução. In: FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 15.

⁵⁵ FERNANDO PESSOA. Lisbon Revisited. In: *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 59.

⁵⁶ Cf. DIÓGENES LAÉRCIO, III, 3; III, 4.

⁵⁷ KAHN, Charles H. Una nueva interpretación de los diálogos socráticos de Platón. *Areté. Revista de Filosofía*. Vol. XII, n. 1, 2000, p. 31.

⁵⁸ FREGE, Johann Gottlob. Sobre a Justificação de uma Conceitografia. In: *Coleção Os Pensadores*. Vol. XXXVI. *Gottlob Frege*. São Paulo: Victor Civita Editor, 1974, p. 195.



